

MUNDARÉU
UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Episódio 4
Lona, luta e andorinhas
14/03/2020

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

Extras

ABERTURA

Música de abertura do Programa: “Quem canta” de Tatá & Danú, apenas o trecho instrumental, clima alegre. A música fica, como pano de fundo, ao longo de todo o bloco de Abertura.

Daniela: Olá pessoal! Hoje estamos aqui para mais um episódio do Mundaréu, um podcast de Antropologia. Eu sou Daniela Manica, antropóloga e pesquisadora da Unicamp.

Soraya: E eu sou Soraya Fleischer, antropóloga e professora da Universidade de Brasília.

Daniela: E diferente das antropólogas e interlocutoras super urbanas que conhecemos nos episódios anteriores, hoje vamos falar da Antropologia feita no campo.

Soraya: O Brasil é um país gigantesco. A gente está acostumado a ouvir que é um país que tem uma dimensão continental. Os quase 215 milhões de brasileiros e brasileiras estão espalhados de modo heterogêneo sobre o território, vivendo bem mais nas cidades. Ainda assim, no campo, não há terra para todo mundo que quer viver dela e a grande parte da terra disponível está concentrada em pouquíssimas mãos. Por isso, há tantos povos tradicionalmente ligados à terra demandando que as terras sejam redistribuídas. São os pequenos agricultores, as populações quilombolas e indígenas, as populações atingidas por barragens hidrelétricas, mineradoras, sem falar nos povos atingidos por catástrofes criminosas, como as barragens recentemente rompidas em Minas Gerais.

Daniela: Essa é a demanda por Reforma Agrária. Hoje, vamos conhecer a Nashieli Rangel, antropóloga e professora da Unicamp que vem fazendo pesquisa faz quase 20 anos sobre o campesinato, e o Seu Irineu Pereira, uma das lideranças de assentamentos rurais em São Paulo. Os dois, que defendem a importância do direito à terra, vão nos contar sobre sua convivência e sobre como é essa luta. Esse programa foi gravado em setembro de 2019, no estúdio da Rádio da Unicamp.

BLOCO 1: Como funciona um acampamento e um assentamento?

Música de abertura do Bloco 1: “Floriô” de Zé Pinto e cantado por Chico César.

Arroz deu cacho e o feijão floriô

Milho na palha, coração cheio de amor (2x)

Soraya: Oi pessoal, que bom ter vocês aqui conosco hoje, queremos conhecer as histórias de vocês. Contem para nós como é que vocês vieram parar aqui em São Paulo. [Fim da música]

Seu Irineu: Olha, eu saí do estado de Alagoas bem pequeno, eu acho que uns 6 anos de idade, aí a família da gente foi pro Paraná, na região de Maringá, que é cidade com nome Paissandu, na estrada que vai sentido Campo Mourão. Ali meu pai trabalhava na lavoura, a gente, eu, meus irmão tudo na lavoura, aí fiquei até uns 17 anos, por aí, mais ou menos, aí em 78 eu fui pra São Paulo. Aí trabalhei na área industrial têxtil, firma têxtil. Depois de uns 2 anos que eu trabalhava na indústria, foi quando fui conhecendo sindicato. Aí trabalhei 10 anos nessa área de indústria, aí saí da indústria têxtil, aí fui pro grupo pneumático, na indústria de pneu, trabalhei 7 anos e fazia parte do sindicato da borracha, aí saí. Quando eu saí da indústria, eu fiz curso de telefonia, telecomunicação, fui trabalhar com telefonia mas não deixei de pertencer ao sindicato, sempre trabalhando com sindicato. Aí foi quando, sempre quando tinha, eu trabalhava tanto pra CUT como para outros sindicatos, sindicato metalúrgico, borracha, sindicato em geral.

Soraya: Então, seu Irineu, o senhor é um típico migrante do êxodo rural intenso que aconteceu nos anos de 1970, né? E vem morar em São Paulo justamente naquele momento efervescente dos movimentos sociais que contestavam a Ditadura. Mas como o senhor foi do sindicalismo na indústria pro trabalho com a reforma agrária?

Seu Irineu: Eu fiz, trabalhei em várias cidades como sindicalista, trabalhando pelo sindicato. Aí foi quando fui conhecendo os movimentos de direitos sociais, de cada um. Aí eu falei: “Pô”, foi quando eu ouvi falar do MST, tal dos movimentos sociais a respeito da reforma agrária. Aí eu fui pra Pontal do Estado, lá em Mirante do Paranapanema, aí eu falei: “Eu vou pela luta, pelo povo, eu vou ficar...” aí foi quando eu fiz parte de acampamento, acampamento para reforma agrária, pra sair negócio de assentamento, onde saía assentamento.

Soraya: A Nashieli fez a graduação em Sociologia no México, depois, veio fazer o mestrado e o doutorado em Antropologia aqui na Unicamp. Aí, ela se tornou professora da UNESP, no campus lá da cidade de Marília, que é aqui no interior de São Paulo. E aí virou professora aqui na Unicamp, onde ela tá até hoje, ligada também ao CERES, esse importante Centro de Estudos Rurais da Unicamp.

Nashieli: Eu tava trabalhando como uma assistente de pesquisa no CIESAS que era um centro de estudos em antropologia social né, de pesquisa em antropologia social, trabalhando com uma antropóloga que pesquisava questões relacionadas com camponato, no México. E eu fazia a transcrição de fitas, como assistente de pesquisa. E aí foi chegando informação também sobre outras questões das organizações camponesas da América Latina e eu fui também fazendo pesquisas sobre o Brasil. E aí surgiu o MST, que no final dos anos 90 tava bombando na América Latina toda, era um movimento muito conhecido. E eu fiquei muito interessada.

Daniela: Você pode descrever pra gente que nunca visitou um acampamento o que é que a gente vê quando chega, o que você viu quando você chegou nesse acampamento?

Nashieli: Teve uma medida provisória né, em 2001, que criminalizava os movimentos que ocupam, que entram dentro das fazendas e tal. Começaram a rodear as fazendas né, então a gente chega de carro e vê aquela fileira de barracos de lona, né, na estrada de um lado, e de outro da estrada tudo enfileiradinho, um do lado do outro.

Daniela: A lona preta?

[Música instrumental de fundo: “Blue Creek Trail”, de Dan Lebowitz. Estilo country, alegre]

Nashieli: A lona preta, exatamente, que é um símbolo dos acampamentos, né. Às pessoas, principalmente aqueles que perambulam, né, vão ocupando vão indo de um acampamento para outro, praticamente montam uma casa, né, no barraco. Tinha barraco com janela, sabe? Janela de uma casa que tinham deixado, que levava, colocava os animais de estimação, montam a horta, né, ali do lado do barraco. O que conseguem fazer na beira de estrada, né. Mas a gente vê esses barraquinhos de lona e as pessoas, enfim, eles normalmente fazem o que eles chamam de varanda, né, que é o barraco e aí, um puxadinho assim, onde ficam as cadeiras, né, pras conversas, porque as pessoas circulam muito pelo acampamento e conversam muito. Aliás, uma coisa que uma vez que são assentados as pessoas falam que ficam com saudades do acampamento é essa fase, porque no assentamento tá cada um no seu canto né, no seu lote, e no acampamento você tem o vizinho, a vizinha do lado e são altas conversas né, à tarde, de noite, as pessoas têm radinho, tem.., normalmente não tem luz elétrica, então faz uma fogueira, vai tomar um café na casa do outro. E é isso, as crianças, a vida das pessoas vai sendo configurada naquele lugar, em relação aos vizinhos também, um cuida do barraco do outro, né, que isso é muito comum.

[Fim da música]

Seu Irineu: Vira uma família né?! Quando começa, é só um barracão grande, faz um barracão grande pra cozinha, um pras mulher, e outro pros homens. Não é muitos barracos, porque não dá tempo. Aí dali depois vai divulgando, aí cada um vai construindo o seu, vai formando uma vila, forma uma vila, né, de barraco de lona preta.

Nashieli: A gente chega em um acampamento recente, a gente percebe que é recente porque tem só os barracos de lona. Quando tem um tempo de acampamento né, que é isso que eles falam, a gente percebe as plantas, e, as plantas vão nos dizendo também o tempo que as pessoas tem lá, né, vão crescendo, os animais de criação que vai tendo, galinha, porquinho. Tem as pessoas que vão acampar que não necessariamente são, né, da militância, do movimento, tem pessoas que estão em busca de um lote de terra, de uma vida melhor, pra eles, pros seus filhos e vem. Enfim, dependendo da região, aquela região do Pontal é conhecida justamente pelo número de assentamentos e acampamentos, uma das regiões de onde mais foram feitas ocupações nos últimos anos. Tem famílias que, assim, moraram um tempo no campo e em sítios, cuidando de sítios, chácaras, enfim, é, e acabaram depois indo pra cidade, ali mesmo na região, em outros lugares. E com esse desejo de voltar, uma ideia também que aparece bastante, que é muito comum, uma ideia de voltar a esse lugar que vivenciaram na infância, na adolescência né, o campo que viveram com os pais, enfim. Então, a oportunidade, a possibilidade de ter um lote de terra também pra muitas famílias representa trazer os filhos de volta, estar perto dos netos, dos irmãos, das irmãs, um pouco essa ideia de voltar a juntar família. E tem outros solteiros, solteiras, enfim, que trabalham, fazem trabalhos eventuais na região, nas fazendas né, na laranja, trabalham na cana, em vários lugares, e que é.., se apresenta, tem a possibilidade de ir pra um acampamento e vão pra ficar.

Daniela: Esse acampamento que depois virou o assentamento Irmã Dorothy tem 35 famílias. Mas vocês nos contaram que há barracos nos acampamentos na beira de estrada, e lotes nos assentamentos dentro das fazendas, com até 200 pessoas. Como que é a convivência entre esse mundaréu de gente?

Nashieli: Eles são extremamente disciplinados. Porque pra gerenciar, pra administrar essa diversidade de famílias. Então, assim, uma pessoa que dá muito trabalho, e isso faz parte dessas formas de acampamento, uma pessoa que tem ou um momento de violência ou de bebedeira né, também, é advertido. Uma vez, duas vezes, a terceira tá fora do acampamento. Então teve um problema com a

mulher, com os filhos, maltratou, que isso acontecia muito entre os homens, principalmente, né. Homens em relação às suas mulheres e tal, que não é diferente de outros lugares, né, do Brasil, não é só dos acampamentos. E aí a pessoa sai, é expulso do acampamento, porque têm regras. E aí assim, é uma forma de administrar essa diversidade, uma heterogeneidade muito grande.

Seu Irineu: Foi nesse acampamento, quando eu fui pra esse acampamento eu já conheci a Silvana, que é minha esposa hoje, aí nesse acampamento foi quando nós se afirmamos, tanto eu e ela, aí ela fazia parte da coordenação do acampamento para organizar o acampamento, escala de cada uma equipe, pra cada coisa, e eu era coordenador da disciplina, das ordens do acampamento, segurança e tal. Como a minha companheira aqui, a Nashieli sabe, então, a gente corria muito risco, então a gente, eu como coordenador de disciplina do acampamento, aí escalava um grupo por noite de seis seguranças para fazer segurança no acampamento durante a noite. E durante o dia, quando alguns homens que tinham que trabalhar fora para sobreviver e tudo, até nas roças mesmo, trabalhar de diarista, então as mulher se organizava, fazia segurança no acampamento, que as mulher também são lutadoras... ela fazia segurança. Então, a Silvana chegava e dizia: “Olha, fulana e fulano vamo ficar pra fazer pontuação hoje pra escala”. Mesmo tendo filho que ia pra escola, tudo, elas também se organiza, e muita segurança no acampamento. Isso é importante! É organização no acampamento.

MIOLO

[Música de passagem: trecho instrumental de Floriô, clima alegre]

Daniela: É interessante como tanto o Seu Irineu quanto a Nashieli fazem migrações e movimentos. Ele sai de Alagoas, vem morar em São Paulo capital, conhece muitas cidades paulistas do interior. Acaba fazendo um ciclo que começa no campo, passa pela cidade e termina novamente no campo.

[Fim da música]

Soraya: E ela sai de grandes metrópoles mexicanas, como Cidade do México e Guadalajara, e vem para essa região metropolitana brasileira que é Campinas. Embora tenha sempre morado em cidade grande, a Nashieli sempre fez pesquisa sobre o campesinato, sobre o mundo rural. E é isso que conecta os dois.

Daniela: É, o trabalho dos dois vai nos ajudando a entender a diferença entre acampar e assentar. E até chegar num assentamento pode demorar muitos anos. Seu Irineu viveu num barraco de lona preta, na beira da estrada, por pelo menos dois anos até conseguir o lote no Assentamento Irmã Dorothy. Essa história que ele contou sobre as rondas de segurança nos acampamentos fala do quanto eles ficam vulneráveis nesse momento. Tem muita pressão por parte dos donos das fazendas que, apesar de nunca terem cuidado muito dessas terras, não querem perder a propriedade. E a Nashi mostrou os motivos que levam as pessoas a acampar: muitas querem voltar pra terra, reencontrar a família, apostar no futuro, acreditar na luta por uma vida melhor e mais digna.

Soraya: Achei muito interessante como os dois tiveram longos períodos de formação, um dentro do sindicalismo, outra dentro da universidade. Os dois começam fazendo trabalhos bem básicos, ele dirigindo o carro do sindicato, ela transcrevendo as fitas cassete com entrevistas que a professora dela tinha feito lá na época. Foram conhecendo o mundo, ganhando experiência, ele decidindo a luta com a qual mais se identificava – que, no caso, foi a Reforma Agrária – e ela decidindo o caminho para se formar, em qual universidade, qual cidade, qual núcleo de estudos, qual tema de pesquisa. E, diante de tantos acampamentos de lona preta espalhados pelo interior de São Paulo, ela ainda teve que escolher em qual deles faria sua pesquisa.

Daniela: É, no segundo bloco, a gente vai ver isso. E entender como que a pesquisa que a Nashieli faz, na Antropologia, também tem sido aproveitada pelos acampados e assentados. Ela contribui com sua pesquisa de diversas maneiras, ajudando a desfazer alguns preconceitos do senso comum acerca das pessoas que ocupam as fazendas improdutivas. A Nashieli nos contou que trouxe o Assentamento até a sua sala de aula, colocando o seu Irineu pra conversar com os estudantes. E também ela levou os seus estudantes, da Unicamp, para conhecer o Irmã Dorothy. Os resultados da sua pesquisa ajudam a sistematizar a história desses movimentos sociais e também as histórias das famílias que estão na luta.

BLOCO 2: Desdobramentos da pesquisa antropológica

[Música instrumental: “Blue Creek Trail”, de Dan Lebowitz. Estilo country, alegre]

Daniela: Eu gostaria de perguntar pro senhor, como é que é escolhida a terra que vai ser ocupada, como é que é feito o levantamento das terras? Vocês não ocupam qualquer fazenda, né?

[Fim da música]

Seu Irineu: Primeiramente de tudo, a gente nunca entra numa área sem saber que é terra devoluta e se a fazenda é ilegal. Porque jamais a gente entrava numa fazenda que ela era registrada pelo instituto de terra, tinha escritura, tem tudo, porque a gente sabe que a terra é legal, o dono é origem certa. Então a gente só entra numa área que é decretada reforma agrária e se a fazenda não tem escritura, então é terra devoluta. Então aí fala que tem que ser pacote mesmo para reforma agrária, porque senão jamais o MST organiza o pessoal pra entrar numa área pra evitar risco, porque dá conflito. Então a gente tudo é organizadinho, certinho.

Soraya: Tem todo um tipo de pesquisa que vocês fazem, então não é só Nashieli na universidade que faz pesquisa, mas vocês tem toda uma maneira de fazer uma pesquisa, as pesquisas sobre as terras. O que vocês chamam de “levantamento” envolve ir no Instituto de Terras do Estado de São Paulo, o ITESP, saber se a terra tem escritura ou não, saber se tem dono ou não, se é produtiva ou não, tudo isso. Há atividades de pesquisa no trabalho de vocês dois, então. E vocês, Nashi, que também usam essa mesma palavra, como é fazer um levantamento na Antropologia?

Nashieli: A gente tinha feito um levantamento, eu e mais uma equipe de alunos, do número de ocupações no estado de São Paulo, número de acampamentos, movimentos, mais números. E aí, né, aparecia no mapa aquela região como uma região de muitos acampamentos, concentrados em municípios pequenos, né, e com, sei lá, 20 km de diferença um do outro. Então a gente fez uma visita inicial lá naquela região. E realmente, você vai na estrada, anda na estrada, né, eu fui a primeira vez com meus alunos de iniciação científica, e você vai vendo vários acampamentos.

Dani: Nashieli e Seu Irineu nos falam, então, sobre como é a chegada de pesquisadores aos acampamentos, pra fazer esses levantamentos e a pesquisa antropológica. Falam também sobre como foi a chegada de Nashieli e sua equipe de estudantes ao acampamento Irmã Dorothy.

Nashieli: Eles estão também, acostumados com curiosos, pesquisadores, outras pessoas que vão acompanhando, inclusive gente da militância às vezes pra fazer uma visita, né, às vezes chegavam inclusive estrangeiros para visitar. E em todos os lugares onde eu fiz pesquisa, os acampamentos, sempre fui muito bem acolhida, as pessoas também gostam de visitas.

Seu Irineu: Ah, eu lembro sim! 2011 se não me engano que ela chegou lá. É mas foi uma alegria! É que nem ela tava falando aí, quando chega uma pessoa assim que é de fora, que é um pesquisador, tudo, geralmente a gente nos barraco recebe muito bem, pra isso a gente é organizado, cada um. Já educado

pra saber receber cada um que vem visitar.

Nashieli: E a gente estava com três alunos, né Irineu? E foi muito legal porque isso, normalmente as crianças do acampamento já vem, são as primeiras né, que vem com essa curiosidade, e os primeiros que chegaram ali pra conversar com a gente foi justamente o enteado do Irineu, que é filho da Silvana. O primo, os dois primos, é, rodearam a gente né, pra ver o que a gente tava fazendo ali. Aí eu falei “Ó, a gente quer conversar com a coordenadora do acampamento, o coordenador” e chegamos lá no barraco da Silvana, né. A Silvana tinha a rede, que também tem as irmãs, que é muito comum nos acampamentos ter, né, vários parentes no mesmo acampamento, vão chamando a avó, o tio, a tia, a irmã, e aí vão fazendo, configurando uma parentela ali no acampamento. E aí a entrada foi pelas crianças mesmo, né. Aí fomos super bem acolhidos né, tem um aluno que até agora lembram dele, que já saiu, já se formou né, ele fez pedagogia depois, o Cauê, que era muito piadista, ele chegava e enturmava com todo mundo.

Daniela: Na conversa preparatória que fizemos com a Nashieli por telefone ela tinha comentado conosco uma questão importante sobre as diferenças de gênero na pesquisa de campo...

Nashieli: Desde que eu fiz o mestrado, a gente sabe que não é a mesma coisa uma mulher e um homem antropólogo fazerem campo. A chegada e a forma de acolhimento é diferente. Então é muito comum, estando em campo, pelo menos na minha experiência como mulher, ser acolhida por outras mulheres. Muitas vezes, nos acampamentos, são as mulheres também que ficam no barraco. São os homens que saem para trabalhar no dia a dia em fazendas próximas, na cidade, e as mulheres e os filhos ficam, os filhos normalmente acabam indo numa escola próxima ao acampamento. É muito mais fácil, também né, para uma mulher antropóloga chegar e o contato inicial que seja feito com mulheres em campo. Quando estava ainda no acampamento, a gente participava do dia a dia, leva água, tira água do poço, leva e põe para lavar louça, a gente fazia uma divisão, quando eu fui com meus alunos, participando desse cotidiano. Tem que lavar roupa. A gente levava, na verdade, barracas de camping, que montavam ali do lado dos barracos deles.

Soraya: E com o tempo isso foi mudando?

Nashieli: Com o tempo, uma relação de confiança, né, porque a gente vai entrando na vida das pessoas, mas eles entram nas nossas vidas também, né. E aí com o tempo, depois as vezes que eu voltei sozinha eu já ficava nesse barraco do andorinha, né, ou no barraco do Irineu e da Silvana, é, que eles tinham também, enfim, a irmã ali do lado, né. Então sempre tinha lugar pra ficar. Eu cheguei a ficar na casa do vizinho também da frente, né, que tava vazio, os que ficavam fora. E aí é isso, as conversas começavam cedo, é isso, as pessoas param a sua rotina, no início quando a gente não conhece é, pra receber a gente, né. Então fica um cafezinho, vai conversando, também quando a gente vai tendo intimidade a gente vai acompanhando a rotina, né. Então agora a última vez que eu tive lá agora no assentamento lá com a Silvana, vai e pega não sei o que da horta, vai lá, colhe não sei o que, vai cozinhar. Tinha uma aluna que nunca tinha cozinhado na vida né (risos), que foi cozinhar junto, que me acompanhou, né.

Soraya: E o que é “andorinha”?

Nashieli: Quando eu passei um tempo, eu ficava num barraco de um andorinha, né Irineu?! Quando eu ficava né, eu fui fazer campo nesse acampamento, porque os andorinhas ficavam fora, voltavam de final de semana, e no final de semana era lotado, né, parecia uma cidade o acampamento de beira de estrada, uma circulação. Então você via a pessoa que abria a lojinha no acampamento, que era o momento em que as pessoas que iam visitar também, parentes chegavam, tinha pessoas jogando

baralho, tinha pessoa fazendo churrasquinho, conversando, fazendo grupos né, de conversa. Então é, principalmente de final de semana, né, porque entre a semana as pessoas estão trabalhando. Eram normalmente mulheres, muitas mulheres que ficavam com suas crianças pequenas no acampamento, que conseguiam ficar durante a semana, e de final de semana era uma cidade, uma estrada virava uma cidade. Então é, e sempre as pessoas circulavam muito também né, entre as cidades próximas, o acampamento. Tinha muita gente.

Seu Irineu: Todo dia a tardezinha, a Silvana corria os barraco por barraco pra marcar o nome de cada pessoa que tava naquele dia, presente. E quando era fim de semana, tinha a presença dos andorinha, como a Nashieli fala dos andorinha. Então a vez no meio de 268 família, a vez fim de semana chegava 800/900 pessoa nos barracos. Então, aí quando tinha a reunião, 3 horas da tarde, tinha a reunião, das presenças do povo que era pra ir junto com os andorinha. Ali dava uma lista no caderno de 4, 5 folhas com nome do pessoal que dava no caderno. Isso aí era registrado tudinho a presença, de cada um. Então aquilo tudo era marcado e ficado em arquivo. E o MST ficava com uma lista e a Silvana ficava com outra.

Daniela: E aí marcava os pontos de acordo com que? O que que marcava o ponto?

Seu Irineu: Aí marcava o ponto. O andorinha tinha uma pontuação, porque eles só frequentava fim de semana. E os morador tinha outra pontuação, porque ele era dia a dia no barraco. Então aí quando surgia, que virava assentamento, que dividia a fazenda, dizia: “ó, saiu, foi cortado, o INTESP mediu os lotes, é tanto lotes.” Aí ia a pontuação. Aqueles Andorinha nunca ia ter ponto igual um morador dia a dia do barraco. Porque o sofrimento era total. Então aí aqueles andorinhas, quando, se o andorinha tivesse um pai ou uma mãe, que quisesse marcar ponto pra ele, que quisesse morar no barraco, aí sim, era pontuado a pontuação dia a dia, porque o pai ficava morando no barraco pra fazer ponto pro filho que precisava trabalhar pra sustentar a família.

Nashieli: “Faz quanto tempo que está perambulando aí pelo mundo das ocupações de terra?”. É... isso dentro de tempo de barraco, né, que é outros termos que eles usam também. Mas esse tempo é, de alguma forma se tornou, digamos, foi capturado, né, pelo Estado, e entra como uma parte da fórmula, né, de distribuição de lotes. Então tem tempo de agricultura, tempo de acampamento, tempo de município...

Daniela: O senhor pode contar pra gente como que a pesquisa da Nashieli ajudou nesses processos todos?

Seu Irineu: Opa, com certeza! Ela convidou quando ela tava lá, na UNESP, em Marília, eu fui lá. Aí teve entrevista da gente na biblioteca com os alunos. Não foi só aluno dela! Vários alunos de outras classes também. Que não sabia como que funcionava esse movimento da gente. Que pra eles são mal vistos pela mídia, eles enxergavam como baderneiro. Aí foram fazer pesquisa com nós, fazer pergunta tanto pra mim como pro meu enteado e pra Silvana. E a gente explicava pra eles como que funciona, porque... aí entrou em detalhes, fazia pergunta até como que a gente cultivava as coisas lá e tudo. Aí falei ó: “A gente luta por um pedaço de terra porque nós somos contra o veneno, nós não gosta do agrotóxico. Nós só trabalha com produto orgânico”.

Nashieli: As pessoas que estão em busca de um lote de terra, que participa de um acampamento, né.., viram esse bicho papão, né. E são, é um senso comum sobre quem são essas pessoas, “são vagabundas, são baderneiros”, são pessoas que estão em busca de uma vida melhor, né, pra eles, pros seus filhos, pra suas famílias, é... Então eu acho que o que eu faço, de alguma forma, justamente sai desse senso comum, né, vai além. Para dizer essas pessoas, quais são os desejos dessas pessoas, porque decidem participar dessa luta, né. Poderiam fazer qualquer outra coisa, né, talvez. Mas nesse

momento, né, no momento da vida dessas pessoas, isso aparece no horizonte de possibilidades dessas pessoas, né.

Soraya: Além de dar aulas, trazer os interlocutores para a sala de aula, fazer pesquisa, escrever diário de campo, morar e conhecer os acampamentos, as antropólogas também publicam artigos, apresentam trabalhos em congressos e tudo mais. Nashi, como é que essa sua prática de escrever retornou pra pessoas e movimentos?

Nashieli: As pessoas às vezes se encontram num acampamento, em três anos eles vão pra outros e acabam se encontrando num mesmo assentamento, né, numa volta que fizeram né, de anos, tempo e espaço, e acabam se encontrando vizinhos num assentamento. Então essas pessoas, é, foram convidados, e o pessoal que tava já, saiu a terra, e o pessoal que tava indo desse novo acampamento pra esse lugar, essa família chegou e falou: “não, mas esses aí não tem tempo de acampamento. Estão chegando e já vão pegar terra?”, né. E o livro, eu tinha levado meu livro do mestrado para essas pessoas. E aí a dona Cleusa, né, que me recebia também sempre na casa dela, mostrou, foi circulando o livro e diz assim: “Olha, aqui está contada nossa história, né. A gente tem tempo sim. Aqui a Nashiele tá contando que eu estou nessa luta desde 2002, então tenho mais tempo de acampamento do que vocês.” E aí o livro circulou, e as pessoas nesse novo assentamento foram lendo e aí aceitaram, né. Ela e outras famílias, que estavam também junto. Então são as coisas que a gente não espera, né, que vai ter, que a pesquisa faz, né, que a gente não tem controle de quem vai ler, como vai ser lido, enfim, o que que vai acontecer com essas histórias.

Daniela: Muito bom. E o seu livro acabou ajudando na pontuação então, né.

Nashieli: Pois é (risos). Tempo de acampamento.

Seu Irineu: A Nashieli ficou amiga da gente e é uma lutadora pela essas áreas. Olha que eu admiro muito a força dela, hein! Até hoje pra mim, foi das pessoas que eu mais admiro nessa..., fez parte muito para nós conquistar a parte da reforma agrária. Somos gratos a luta dela, hein?! Porque ela, nessa parte, ela é trabalhadora e lutadora por esse movimento.

[Música instrumental de fundo: “Blue Creek Trail”, de Dan Lebowitz. Estilo country, alegre]

Daniela: Vocês usaram bastante essa palavra hoje, “luta”. O que quer dizer “luta”, pra vocês?

Seu Irineu: Essa família que pegou lote sem luta, eles abandonaram, abandonaram porque depois fica um ano, dois anos, três anos, sem vir benefício nenhum, e eles não tem paciência de ficar na terra. Nós já tá acostumado em barraco, já tá acostumado com a luta, a gente aguenta, fica. E eles não ficam. Então aí quando vem benefício, eles pegam o benefício e somem no mundo e abandonam a terra. Isso aí fica mal visto pro governo.

[Fim da música]

Nashieli: Luta é um termo, né, que é realmente um termo nativo desse mundo das ocupações de terra, assim como a ocupação. Que eu sempre falo, eu uso, mobilizo aqueles termos que meus interlocutores estão mobilizando. Porque meu foco é o que que é significativo pra essas pessoas, né, e como eles traduzem isso. Então assim, os termos que eu uso na pesquisa também, às vezes eu sento no caderno, a Silvana e o Irineu fala: “tá escrevendo o quê, ali, no caderninho? Deixa eu ver. Ver se você tá fazendo certo, se tá escrevendo certo”. risos.

Então luta é um termo que significa muitas coisas assim. Uma é uma questão que o Irineu colocou

aqui é sofrimento, né. Eles muitas vezes vinculam, né, luta com sofrimento. Quem não sofreu, né, digamos, não tem direito a conquistar, como eles dizem, esse pedaço de terra. Mas também, é, digamos que resume a própria trajetória das pessoas, né, nesse mundo das ocupações de terra. Então é... também tem a ver, como já ouvi, né, com festa, né, e é um termo que ao mesmo tempo a conquista de um lote não é pouca coisa, né. E tem uma questão de merecimento ali que é bastante forte, que é mobilizada pelas pessoas, que é: “eu mereci isso, a minha luta me fez, enfim, ter o que eu tenho”.

Seu Irineu: A luta pra mim é tudo, viu?! Porque eu acho que tudo que a gente conquistou até hoje, foi através da luta. Então se a gente não fizer luta, não tiver união, não conseguir lidar naquilo, a gente não conquista. Então por isso que eu digo: “ó, se a gente pode conquistar, lute pra conquistar. Porque a luta é tudo.” É que nem a Nashieli foi uma força pra nois, orra. Pra mim, ixi! das pessoas importante na vida da gente. Porque é que nem ela fala, ó: se ela não tivesse registrado o livro, através da pesquisa dela, a luta para aquela mulher tinha sido em vão, pra aquela família lá tinha sido em vão. Então por isso que eu digo: “ó, luta nunca é perdido!”. A pessoa lutou, um dia ela conquista. Porque correu atrás daquilo que deseja, então corra atrás, lute por aquilo, por aquele objetivo, que um dia conquista. Então pra mim é tudo.

[Trecho da Música Floriô]

*Arroz deu cacho e o feijão floriô
Milho na palha, coração cheio de amor
(2x)*

*Erguendo a fala gritando Reforma Agrária
Porque a luta não para quando se conquista o chão
Fazendo estudo, juntando a companheirada
Criando cooperativa pra avançar a produção*

Soraya: A gente percebeu que “luta”, “tempo de barraco”, “perambulação”, “pontuação” são todas palavras faladas muitas vezes pelo Seu Irineu e pela Nashi. A repetição, o uso dessas palavras em várias falas e histórias, é isso que nos ajuda a perceber a importância delas para as pessoas com quem fazemos pesquisa. Como disse a Nashieli, esses são todos “termos nativos”, quer dizer, são palavras que vem da pesquisa, que vem lá das pessoas, e não vem do nosso mundo da universidade ou da academia. E como a Nashieli falou, muitas de nós antropólogas, “usamos, mobilizamos aqueles termos que seus interlocutores estão mobilizando”.

Daniela: Mas essas palavras só ganham destaque e são entendidas a fundo porque a Nashieli conviveu com aquelas pessoas por algum tempo. Ela passou algumas temporadas no acampamento e depois no assentamento. Organizou uma equipe de estudantes pesquisadores, conseguiu financiamento para custear a ida e a permanência de todos eles por lá, durante a pesquisa.

Soraya: Mas ela teve que, aos poucos, ir percebendo como era mais apropriado ficar por lá. Primeiro, eles ficaram em pousadas, depois em barracas de camping, aí pernoitavam na casa do Seu Irineu e da Silvana e, por fim, na casa dos andorinhas. Ela descobriu que esse era um tipo específico de habitação. Era um barraco menos usado durante a semana, o barraco de lona das pessoas que trabalhavam na cidade ou em alguma fazenda de monocultura por ali e que voltavam pro acampamento com menos frequência, geralmente só no sábado e domingo. No final, Nashi ficava nesse barraco também, como uma espécie de “andorinha”, uma espécie meio diferente de moradora ali. Dormir e acordar com as pessoas permite que você conheça outros ritmos do dia e da noite, permite que você participe dos ritos cotidianos da casa como fazer comida, cuidar da roça, brincar com as crianças, lavar roupa. Além de morar, eu queria também comentar sobre o conviver. É interessante quando as pessoas passam desse momento inicial, em que elas param tudo que elas estão fazendo para dar atenção pra

antropóloga e sua equipe; e passam para um outro momento seguinte, depois de um certo tempo de convivência, na qual elas voltam pra fazer o que elas estavam fazendo, voltam pra rotina delas, e as antropólogas vão acompanhando esse dia-a-dia mais comum. A Nashieli foi aos poucos participando das atividades que a Silvana e sua família lhe propunham. E, assim, para conseguir fazer Antropologia, as relações entre todos eles foram se estreitando. Como ela mesma disse né, “com o tempo, a gente vai entrando na vida das pessoas, mas elas também entram nas nossas vidas”. E, é por isso, eu gostei muito disso, Seu Irineu fala com tanta tranquilidade ali pra nós, “Nashieli ficou amiga da gente e é uma trabalhadora e lutadora por esse movimento”.

Daniela: Tão lutadora que vem sofrendo junto com eles também. Ela nos contou que os últimos anos no Brasil têm sido os mais violentos no campo, desde 2003. São dados da Comissão Pastoral da Terra. Viver em acampamento está muito mais perigoso, com atropelamentos criminosos, tiroteios no meio da noite ou mesmo à queima-roupa durante a luz do dia, emboscadas de jagunços das fazendas também. Por isso, inclusive, as pessoas voltaram a perambular, não conseguem mais ficar tanto tempo num mesmo acampamento. E para as antropólogas também ficou perigoso morar na beira de estrada enquanto se faz pesquisa. Além disso, conviver com antropólogas passou a ser um risco a mais porque elas viraram, literalmente, alvo das ameaças e perseguições. Hoje em dia, muitos sabem que são os antropólogos que fazem os laudos, que escrevem os artigos científicos, que publicam livros que demonstram com seus dados de pesquisa científica o tempo de luta, a legitimidade dos acampados, a necessidade da Reforma Agrária no país. A violência no campo mudou também a forma de se fazer pesquisa na Antropologia hoje. Infelizmente. Esperamos que esse quadro mude.

Soraya: Eu só queria lembrar Dani, de uma história que Seu Irineu contou pra gente que foi um exemplo bem concreto disso que você acabou de falar. A Silvana tava como coordenadora do acampamento em questão visitando os barracos pra ver como cada família tava naquele dia, e ela chegou num barraco e pegou uma criança que era recém nascida pra ver como que a criança tava, ficou um pouquinho com a criança no colo e depois colocou de volta no carrinho. Foi por uma questão de segundos, logo depois que ela pôs essa criança no carrinho, que uma caminhonete, né, de um dos caras das fazendas veio com tudo na rodovia e atropelou a Silvana. Então por um triz também não atropelou esse bebezinho, e a Silvana ficou muito machucada né, os bambus que davam apoio aos barracos entraram na parte do lado do corpo dela, quase perfurou pulmão, ela teve que ser levada às pressas pro hospital, ficou dias internada. Então é um exemplo né, que Seu Irineu nos contou de atropelamento criminoso, deliberadamente planejado contra os acampados.

FECHAMENTO

[Música de fechamento: “Quem canta” de Danú e Tatá, clima alegre. A música fica, ao fundo, até o final do episódio]

Soraya: Queremos contar um mundaréu de histórias, partindo da Antropologia. Esse foi nosso quarto episódio, “Lona, luta e andorinhas”. Aproveito, então, para agradecer quem está na luta conosco para produzir esse podcast: a começar pela Nashi e o Seu Irineu, que veio lá do Pontal do Paranapanema até aqui, Campinas, agradecer também à Rádio da Unicamp, com o Octávio Silva e o Jeverson Barbieri, o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, o LABJOR, com a Simone Pallone, e também ao podcast *37 graus*, com a Bia Guimarães e Sarah Azoubel. A equipe do Mundaréu é composta por nós duas, Daniela e Soraya, pelo Vinícius Fonseca e a Julia Couto, estudantes de Ciências Sociais e bolsistas de Iniciação Científica da Unicamp e da UnB.

Daniela: Contamos com recursos do CNPq, do PIBIC, do SAE e da PROEC, da Unicamp. Quem quiser conhecer mais o trabalho da Nashieli no CIESAS no México ou no CERES, Centro de Estudos Rurais aqui na Unicamp, e também do Seu Irineu e seus companheiros do Assentamento Irmã Dorothy, basta

visitar a nossa página na internet: mundareu.labjor.unicamp.br. Até o próximo episódio.

Soraya: Até lá!

EXPEDIENTE

- Apresentação: Daniela Manica e Soraya Fleischer.
- Produção: Daniela Manica, Soraya Fleischer, Julia Couto e Vinicius Fonseca.
- Gravação: Octávio Augusto, Rádio da Unicamp.
- Transcrição das entrevistas: Julia Couto.
- Montagem e edição do roteiro: Soraya Fleischer e Daniela Manica.
- Montagem e edição do episódio: Vinicius Fonseca.
- Edição final: Daniela Manica.
- Divulgação: Milena Peres e Julia Couto.
- Transcrição e audiodescrição do episódio 4: Arthur Ulhôa
- **Agradecimentos especiais**
Maria Silvana dos Santos, Christine Alencar, Rafael Villas-Bôas, Zé Pinto e Martina Ahlert.

MATERIAIS EXTRAS

- Currículo Lattes da Nashieli Loera Rangel: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4715927T6>
- Livro de Nashieli Loera Rangel, *Tempo de acampamento*. São Paulo: Editora UNESP, 2014, 231 p. : <https://static.scielo.org/scielobooks/8ycc4/pdf/loera-9788568334355.pdf>
- Centro de Investigación y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS): <https://www.ciesas.edu.mx/>
- Centro de Estudos Rurais (CERES/Unicamp): <https://www.ceres.ifch.unicamp.br/>
- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): <https://mst.org.br/>
- Comissão Pastoral da Terra (CPT): <https://cptnacional.org.br/mnc/index.php>
- OXFAM Brasil: <https://oxfam.org.br/>
- Relatório *Terrenos da desigualdade: Terra, agricultura e desigualdade no Brasil rural* (OXFAM, 2016): <https://oxfam.org.br/publicacao/terrenos-da-desigualdade-terra-agricultura-e-desigualdade-no-brasil-rural/>
- Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP): <http://201.55.33.20/>

MÚSICAS

- “Floriô”, autoria de Zé Pinto e versão de Chico César: <https://www.youtube.com/watch?v=wBbYYY3KDyU>
- “Blue Creek Trail”, de Dan Lebowitz: <https://www.youtube.com/watch?v=0uepACSD9EA>
- “Quem canta” de Danú e Tatá, uma dupla de cantoras de Brasília. Essa música embala sempre o Mundaréu! <http://www.oleve.com.br/quem-canta/>